Ano XI — Lisboa, Julho de 1955 — N.º 123

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O QUE DIZEM AS PALAVRAS



Nada de novo se dirá ao afirmar-se que a palavra é um dos atributos humanos de mais transcendente utilidade. No entanto, quando detemos o nosso pensamento na análise desta faculdade, nunca deixamos de nos maravilhar com os extraordinários recursos que ela nos oferece. Por meio da articulação desses sons, de sentido convencionado, o Homem exprime, com toda a clareza, tanto os mais complexos pensamentos, como os anseios mais profundos da sua alma, descreve toda a extensa gama de sentimentos, desde uma confissão de amor até à explosão de ódio, do estrondo da alegria ao amarfanhamento da tristeza, do elogio encorajante à impiedosa ironia; com a palavra delineia, outrossim, o sussurro do mar, o sibilar do vento, o murmúrio das fontes, o bramir da tempestade, a delicadeza das flores. Pela palavra, pode o Homem confortar, corrigir, ofender, condenar.

Analisando o modo de se expressar, podemos entrever o carácter de uma pessoa. Diz S. Francisco de Sales: «Quereis conhecer se um homem é probo e honrado? reparai e estudai as suas palavras: por mais que tente dissimular-se, haveis de conhecê-lo».

Mas a palavra ainda nos oferece outros preciosos elementos de estudo do indivíduo, como o de avaliar-lhe o grau de cultura e de educação, o nível económico, a profissão.

Cada técnica possui nomenclatura própria e as artes e profissões termos peculiares com acepções distintas. O mesmo fenómeno se observa quando se trata de Escotismo. Aqui encontramos um vocabulário de interpretação bem definida, a par de termos sem significação ou emprego. Entre estes últimos, podemos destacar *monotonia, improvisação* e *discursos*. Qualquer destes vocábulos não tem lugar no léxico escotista, nem sequer com o mais ligeiro sentido. São terra má, onde o método powelliano, à míngua, não desabrocha, haja em vista as unidades debilitadas na monotonia de acção, nas pouco inspiradas improvisações, não obstante a verborreia desenfreada dos dirigentes desprevenidos.

Em compensação, outros termos assumem um significado preponderante. Permita-se-nos, de entre eles, citar, como exemplo, *renovação, disciplina, aventura, método, altruísmo*. São estas algumas das palavras chaves do nosso movimento, recheadas de sentido e de inspiração. Elas definem um escotismo pletórico de vida, criterioso de direcção e de progresso constante.

Pela *renovação*, logra-se manter aceso o entusiasmo da mocidade pelos programas escotistas; pela *disciplina* garante-se-lhe a fecundidade; o espírito de *aventura* imprime-lhe o cunho fantasioso tão grato ao adolescente; o *método* confere-lhe meios de acção adequados aos objectivos em vista; o *altruísmo* encerra a noção de serviço ou seja a projecção das nossas vidas no nosso semelhante, a finalidade suprema da existência.

Da mesma forma que cada indivíduo, pela linguagem, denuncia o carácter, um grupo de escoteiros também se avalia pelo *vocabulário* usado. Se na sua linguagem ocorrem termos estranhos, escotistamente falando,

(Conclui na 2.ª página)

Montijo foi visitado

pelas Guias e pelos Escoteiros de Portugal

As pessoas que no Domingo, dia 19 de Junho, aguardavam no Cais do Montijo a chegada do barco da Sociedade Marítima de Transportes, Ld.ª, na sua viagem da manhã, foram surpreendidas pelo desembarque em formatura de uma numerosa representação das Guias do Grupo «Rainha D. Leonor» e dos Escoteiros dos Grupos 10, 53, 94 e «Pedro Álvares Cabral».

A formatura abria com os estandartes dos grupos representados empunhados garbosamente por escoteiros e uma guia, seguidas de uma fanfarra de pífaros do grupo 94 e dos tambores. Vinham depois as guias e, após elas, os escoteiros.

A formatura atravessou a Vila despertando o interesse da população, tendo a fanfarra conquistado a simpatia do público que acorria em grande número a ver passar os escoteiros. Estes dirigiram-se à igreja evangélica local onde assistiram e tomaram parte no serviço religioso que ali se realizou e que teve um cunho acentuadamente escoteiro. O pastor, sr. Saul de Sousa, deu as boas vindas aos escoteiros de Lisboa, e os dirigentes coadjuvaram na direcção do culto, proferindo um deles a prédica que versou a boa acção de quatro jovens que levaram um paralítico a Jesus e que, «por conhecerem a Jesus», puderam contribuir para que o Senhor operasse a cura daquele enfermo.

Após o serviço religioso, os escoteiros dirigiram-se à Câmara Municipal do Montijo onde apresentaram os seus cumprimentos, seguindo depois para um bosque próximo onde descansaram e realizaram à tarde uma animada festa de campo, na qual colaboraram jovens da igreja evangélica visitada.

Ao fim da tarde, os escoteiros desfilaram novamente até ao Cais, despertando outra vez o interesse da população que acolheu os escoteiros com muita simpatia. Alguns membros do Grupo 49 que existiu no Montijo acolheram com verdadeira emoção os escoteiros e mostraram-se interessados em fazer reviver o seu antigo grupo.

Alguns amigos vieram até ao Cais despedirem se dos escoteiros e, entre estes, o Pastor sr. Saul de Sousa, que agradeceu a visita feita e manifestou a sua estima pelos escoteiros.

Enquanto se realizava o desfile, foram distribuídos exemplares do «Sempre Pronto» à população.

Chegados a Lisboa, ao Cais da Ribeira, os escoteiros desfilaram até junto da sede da nossa Associação onde destroçaram e seguiram para as suas sedes.

• • ○ • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

CONFRATERNIZAÇÃO ESCOTISTA

No dia 10 de Junho, os Escoteiros do Grupo 52 da A. E. P. e os componentes da Alcateia N.º 5 do C. N. E. na Base Aérea 4 (N. Sr.ª do Ar), acompanhados de elementos da 2.ª e 3.ª secções (em formação), bivacaram em pontos diferentes do Monte Brasil.

De manhã, os rapazes de C. N. E. visitaram o Clã de Caminheiros do Seminário, e em seguida a Sede do Grupo 52 da A. E. P.

À tarde, o Grupo de N. Sr.ª do Ar e os Caminheiros visitaram o local de bivaque do 52 situado no extremo do caminho de St.º António de Baixo, acompanhados por alguns professores e muitos alunos do Seminário de Angra.

Foi resolvido realizar ali uma festinha de campo. Abriu a reunião o chefe do Grupo 52, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que saudou calorosamente os presentes e manifestou o seu regozijo por ver ali representados, em alegre e sã camaradagem, elementos de três unidades escotistas. Lembrou a fraternidade que deve existir entre todos os Escoteiros, independentemente de raça, credo ou país, o que sabia ser uma consoladora realidade, conforme tivera a felicidade de observar em enternecedora experiência vivida em Agosto de 1951, quando chefiou a representação de Portugal que foi ao Acampamento Internacional de Patrulhas de Londres.

Observou o chefe Moniz Silva haver, no nosso caso, ainda mais razões de aproximação e bom-entendimento, porquanto nos ligam fortes laços comuns de nacionalidade e princípios. Declarou que sempre advogara a aproximação entre os elementos das duas associações irmãs,—A. E. P. e C. N. E.,—e que era com imensa satisfação que verificava ser isso já uma realidade entre nós, pelo menos no que respeita à nossa Ilha, e fez votos para que esse desejo de bom entendimento se continuasse a manifestar para prestígio do Movimento Escotista e para bem da juventude do nosso querido Portugal.

A terminar o chefe do Clã Sr. Weber Machado, declarou-se satisfeito por ver realizada aquela singela mas bem significativa festa de confraternização escotista. Disse compreender que afinal eram todos escoteiros que trabalhavam, cada qual no meio onde exerce a sua acção, e orientados pelo mesmo admirável decálogo estabelecido por Baden-Powell no seu «Escotismo para Rapazes»,—para o mesmo ideal comum—por uma juventude melhor.

* * *

Terminada a festa, os rapazes do Grupo 52 foram retribuir a visita dos seus camaradas do Grupo do C. N. E. das Lajes, terminando assim essa tão significativa e frutuosa jornada de confraternização escotista, a assinalar condignamente o Dia de Portugal no ano de 1955.

PUBLICAÇÕES

«Assistência Pós-Asilar»

A benemérita e activa Liga Portuguesa de Profilaxia Social acaba de editar mais uma das excelentes conferências por ela promovidas. Trata-se da conferência que em 26 de Maio de 1949 proferiu a jornalista e escritora sr.ª D. Isaura Correia dos Santos e que versou o tema «Assistência Pós-Asilar».

A conferente trata com profundo conhecimento um problema que entre nós se reveste de grande gravidade, pois muito pouco há feito no sentido de amparar aqueles que, depois de um período mais ou menos longo de internamento, são lançados para a vida social e encontram barrados todos os caminhos que os podem conduzir a uma adaptação desejada e absolutamente necessária.

Sobretudo, a conferente ocupa-se da situação da juventude que vive nos asilos e nas colónias de reeducação, traça princípios que deveriam nortear a sua preparação profissional, e ocupa-se depois da urgente necessidade que a mesma juventude tem de protecção no período pós-asilar. De passagem, refere-se também ao problema dos cegos e estabelece o paralelo com organizações de assistência britânicas.

Trata-se de um trabalho importante, que merece ser lido com o coração e deveria ser escutado por aqueles a quem incumbe resolver tão grave problema.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Viagem-Em gozo de férias, partiu para o Brasil e daí seguirá para os Estados Unidos, o nosso estimado amigo e antigo escoteiro-chefe Rev. Latham Wright, acompanhado de sua Esposa e filhos, a quem desejamos excelente viagem.

Ao Rev. Wright, a quem se deve em grande parte a fundação do Grupo «Pedro Alvares Cabral» da rua Febo Moniz, foi dedicada pelos escoteiros deste Grupo uma festa de despedida, durante a qual foi descerrado o seu retrato, tendo sido formulados votos de uma feliz viagem. Esta festa terminou com um chá em que tomou parte o homenageado, sua Esposa, chefes e escoteiros, bem como o novo Pastor da Igreja Rev. Meza.

● Dos Estados Unidos, regressou em 23 de Junho passado, o nosso bom amigo Rev. Dr. M. P. Testa, bem como sua esposa D. Cristina Testa e filhos. À chegada do paquete «Olimpia» ao cais de Alcântara encontrava-se ali uma deputação do Grupo 94, tendo-se feito representar por seu filho o Director do «Sempre Pronto».

• • o • •

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

O QUE DIZEM AS PALAVRAS

(Conclusão da 1.ª página)

a vida dessa unidade é, certamente, precária e sem cor; mas, se, ao invés, há frases plenas de sentido, ela se revelará vigorosa e progressiva.

«Em síntese, o objectivo do nosso Escotismo—afirma B.-P.—é cativar o espírito dos jovens em plena fase de ardente entusiasmo, orientá-lo no bom caminho e estimular o desenvolvimento da sua individualidade». Ora este objectivo só poderá ser alcançado, não por meio de um escotismo sem expressão, mas através de uma mensagem viva de eloquência e fremente de fé.

JOEL RIBEIRO

Cantinho dos mais novos

A VERDADE ERA AQUELA...

Há muitos anos, muitos, muitos, ainda no tempo em que os animais falavam, vivia numa linda floresta um coelho muito bonito, de nariz cor de rosa, que era conhecido por todos os animaizinhos da floresta.

Um dia, esse coelhinho muito engraçado caminhava através da floresta com um cesto de couves no braço, quando avistou o Compadre Esquilo que o cumprimentou: — Olá, Compadre! O Coelhinho respondeu — Olá, Compadre Esquilo! Ainda bem que o encontro. Não me sabe dizer porque é que o tempo não chega para nada?

—Não, Compadre—respondeu o Esquilo e, encolhendo os ombros, continuou:—Mas vá andando por aí que pode ser que algum dos nossos compadres lhe saiba dizer.

O Coelhinho, agradecido e esperançado, seguiu o seu caminho interrogando todos os compadres que encontrava, mas nem mesmo o velho Mocho Sábio lhe soube responder. Desanimado, sentou-se então pensativo à beira do caminho.

Nisto passou a Comadre Formiga que o cumprimentou:—Olá, Compadre Coelho, então que é isso?—Ó Comadre Formiga—respondeu o Coelhinho—é que não sei que é isto que me acontece. Levo o dia inteiro a trabalhar e nunca fica tudo feito, nunca me chega o tempo!

—É curioso, Compadre,—responde a Formiga com sua voz harmoniosa—mas a mim até me sobra e tenho sempre tudo em ordem.

O Coelhinho arrebitou as orelhinhas de espanto, mas a Formiga já tinha começado a andar enquanto lhe dizia:—Adeus, Compadre! já me demorei muito tempo a conversar e tenho mais que fazer.

Neste instante o Coelhinho deu um pulo louco de alegria. Tinha descoberto a razão da sua dificuldade. Ele levava os dias a conversar e a lamentar-se. Passou a falar menos e o tempo já lhe sobrava também.

* * *

Esta é uma verdade que muitas pessoas deveriam conhecer, pois há muitas como este coelho.

ANTÓNIO NORBERTO DE S. CUNHA
Escoteiro do Grupo 77—Faro

• • o • •

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Escotismo e Rotário

Em Março passado, o nosso estimado amigo sr. coronel Léo Borges Fortes, que representando o Escotismo Brasileiro esteve nas reuniões internacionais efectuadas em Portugal em 1950, foi recebido pelos rotários do Rio de Janeiro, onde fez a significativa palestra que a seguir transcrevemos:

Perguntaram certa vez a um célebre professor, de quanto tempo ele necessitaria para discorrer sobre um assunto indeterminado, ao que ele respondeu: «Depende! Se eu não entender do assunto, uma hora; se eu conhecê-lo, cinco minutos».

A mim não foi dada alternativa. Tenho apenas cinco minutos para falar-lhes de Escotismo, e como Escoteiro e soldado estou acostumado a cumprir ordens. Duas grandes características nos aproximam e duas maiores nos ligarão mais intimamente para o futuro: total 4.

A primeira é o nosso objectivo comum—SERVIR! (sem comentários). É tudo; simplesmente.

A segunda característica é o nosso internacionalismo. Prefiro dizer que Rotário e Escotismo não são internacionais, mas Mundiais. Temos amigos e irmãos em qualquer cidade e país do mundo (excepto, naturalmente, naqueles que estão atrás da Cortina de Ferro). Estas são as características comuns e mais importantes. Vejamos agora as amarras. Estou falando a homens que ocupam os mais variados cargos, profissões e posições na comunidade social. Sois chefes, patrões e dirigentes. Pois bem, o Escotismo, por um lado, propõe-se a oferecer-vos aquela qualidade de homens honestos, puros e sadios, física e mentalmente de que precisais em vossas fábricas, vossos escritórios, laboratórios, lojas e oficinas.

E não é só isto! Sois *líderes* e bem sabeis de quanto nossa civilização precisa de *líderes* capazes, mas sobretudo nobres de carácter. A isto o Escotismo também se propõe. Criar e treinar *líderes* e justamente este aspecto nos leva ao quarto e último ponto de contacto entre nós.

Como iniciei meus cinco minutos com uma anedota, vou terminá-los com outra.

No banquete de encerramento da III Conferência Interamericana, na qual participei como membro do congresso de Escotismo e Chefe da Delegação Brasileira, realizada no Ténis Clube de Havana, o Dr. Borneil, rotariano ilustre e Presidente do Congresso Nacional de Escotismo Cubano, contou que um menino passara por todos os cargos e funções no Escotismo: Noviço, 2.ª e 1.ª classes, Escoteiro da Pátria, Submonitor, Monitor, Guia de Patrulha, Subchefe e Chefe! «E agora», perguntaram-lhe, «que te falta?» «Ser rotariano!» foi a resposta.

Estejais certos de que o Escotismo é o vosso celeiro!

Sempre Alerta...

(Palmas)».

Excursão a Paris

Sentimos ter de informar os nossos leitores que não poderemos realizar este ano a projectada excursão a Paris. O número de pessoas que fizeram realmente a sua inscrição, pagando a verba inicial, tinha sido reduzido, contudo, tínhamos ainda possibilidades de promover a viagem em comboio. Inesperadamente, porém, um dos responsáveis pela excursão encontra-se doente e impossibilitado de fazer a viagem em Setembro por conselho médico. Por este motivo, visto que, além da falta que o nosso companheiro nos faria na orientação da viagem, seriam menos duas pessoas com que poderíamos contar, ele e a sua esposa, fomos forçados a desistir por este ano do nosso empreendimento, do que pedimos desculpa a todos os interessados.

Faremos a Excursão em 1956

Acontece, porém, que muitos dos interessados na viagem a Paris nos declaravam que se fosse possível realizar a excursão em 1956, e fazer o seu pagamento em prestações mensais, seria mais fácil a sua participação. Estamos prontos a aceitar a sugestão e vamos realizar a excursão em 1956, Agosto ou Setembro, mas em autocarro, nas condições que inicialmente indicámos.

Pedimos a todos os nossos assinantes e amigos para nos comunicarem com toda a brevidade o seu desejo de tomar parte na excursão em 1956. O pagamento será feito em prestações mensais de Esc.-150$00 a partir de 1 de Agosto p. f.. Todos os inscritos poderão desistir da sua inscrição até 1 de Maio de 1956, devolvendo o «Sempre Pronto» as prestações liquidadas, apenas com uma redução de 10$00 para despesas. Não poderemos garantir o preço da excursão, mas esperamos poder realizá-la pelo preço que estava calculado para este ano.

A fim de podermos avaliar se realmente há número suficiente para realizar a excursão de autocarro, pedimos a todos os assinantes interessados para nos escreverem dando nos as suas sugestões e ideias acerca da excursão. Será em face das cartas recebidas que poderemos saber se o nosso projecto será desta vez viável.

• • o • •

II Acampamento Regional de Guias

Em 15 de Maio, no Mato Joinal, entre Faro e Olhão, realizou-se este acampamento, no qual tomaram parte os guias e subguias dos grupos 6, 60 e 77, respectivamente de Olhão, Vila Real de Santo António e Faro.

Embora os nossos correspondentes não nos tenham dado ainda notícia pormenorizada desta iniciativa, sabemos que ela decorreu com todo o êxito.



O 30.º aniversário do Grupo n.º 60 dos Escoteiros de Portugal

Esta activa e florescente unidade de Vila Real de Santo António, vai comemorar o seu 30.º aniversário com diversas festividades que se realizarão nos dias 13, 14 e 15 de Agosto p. f.

No sábado, dia 13, será inaugurado o V Acampamento Regional do Algarve, em terrenos próximos do Farol Semafórico, realizando-se à noite um fogo de conselho.

No Domingo haverá desfile dos grupos n.os 6, 77 e 60 pelas ruas da Vila e diversas actividades de acampamento.

Haverá ainda uma sessão solene e representação da peça escotista «No rumo da Lei» e apresentação de episódios cómicos, coros, diálogos, etc. Será também apresentada uma exposição de bibliografia e fotografia escotistas, bem como trabalhos manuais.

O Grupo 60 espera receber nestes dias a visita de muitos escoteiros idos de diversas terras e talvez mesmo de Lisboa.

Este grupo acampou em 4 e 5, 18 e 19, 25 e 26 de Junho passado, tendo tido o prazer de registar na última destas actividades a presença agradável de 8 escoteiros do grupo 77 de Faro.

Estão a sofrer beneficiações as dependências da sede, em especial os quartos das patrulhas «Águia» e «Poupa».

O trofeu «Grupo n.º 60» foi ganho, no segundo trimestre, em que foi disputado, pela patrulha «Poupa», seguida da «Lobo».

• • o • •

Insígnia de Amizade Mundial

O Escotismo no seu afã de fomentar a amizade internacional através de um melhor conhecimento entre os povos, aconselhou a adopção de uma insígnia de amizade mundial que está sendo aprovada por todas as associações escoteiras e que consta das seguintes provas:

1) Ter conhecimentos elementares de geografia e história, pelo menos de três nações além da sua própria.

2) Durante os doze meses anteriores ter mantido correspondência regular com um Escoteiro estrangeiro, ou ter acampado, pelo menos, durante três dias consecutivos com escoteiros estrangeiros, no seu próprio país ou no estrangeiro, e em qualquer caso ter conhecimentos gerais da geografia, costumes e características do país em questão e das suas comunicações com o seu próprio país.

3) Ter noções da organização mundial dos Escoteiros.

4) Ter noções de como é e como trabalha a Organização das Nações Unidas.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

1) *Nadar, ou, na impossibilidade de prestar esta prova, andar bem de bicicleta, a cavalo, conduzir uma motocicleta ou outra viatura automóvel. (Só deverá ser dispensada a prova de natação, quando a constituição física do escoteiro não permita a prestação desta prova).*

NATAÇÃO

POR EDUARDO BARBEIRO

O autor deste interessante trabalho é um antigo escoteiro do Grupo 94, nadador prestigioso do Sport Algés e Dafundo, campeão dalgumas modalidades, que tem representado com brilho o nosso país em competições internacionais e nos Jogos Olímpicos. Foi dado um maior desenvolvimento ao assunto desta prova, a fim de poder servir de instrução para a respectiva insígnia de aptidão que todos os escoteiros de 1.ª classe deveriam possuir.

A natação é unânimemente reconhecida como um dos desportos que maiores benefícios trazem a quem o pratica, benefícios esses de toda a ordem, que não estão, porém, no âmbito destes escritos frisar.

Para o escotismo, a natação tem em si, como nenhuma outra modalidade desportiva pode ter, um aspecto de maior valor—é o seu lado utilitário e humano.

Tal facto, é uma das maiores vantagens da natação, quase se podendo dizer que a sua aprendizagem e prática deveriam tornar-se obrigatórias, só por este motivo.

Para se aprender a nadar existe um conjunto de normas que deverão ser seguidas. Todavia, a maior ou menor rapidez com que se aprende a nadar depende da «intuição» de cada indivíduo. Porém, se uma pessoa conseguisse abstrair-se de todos os complexos que possui, (medo de perder pé, receio de beber água, etc.), saberia nadar por sua própria natureza. Como isso é quase impossível, tem de aprender.

Antes de entrar pròpriamente nas normas para a aprendizagem da natação, quero frisar que elas são dirigidas tanto ao aluno como a alguém que o vigie, a quem chamarei professor, porque se torna absolutamente necessário que o aprendiz seja observado, para fazer os movimentos de forma correcta.

Os locais óptimos para a aprendizagem da natação são as piscinas. Na impossibilidade da sua utilização devem escolher-se pontos de águas mortas ou quase mortas — nada que possa atemorizar o aluno.

Descrevem-se apenas 3 estilos, por serem os mais usuais e também os mais fáceis e de maior rendimento. A descrição da aprendizagem do bruços é mais pormenorizada por ser a que, normalmente, se inicia primeiro. Depois de saber nadar bruços, os outros estilos aprendem-se com facilidade.

Posto isto, vejamos a aprendizagom dos estilos.

Aprendizado dos Estilos de Natação

Estilo Bruços

A «braçada» — chamemos-lhe assim — decompõe-se em dois movimentos, de pernas e de braços, cada um deles com três fases não simultâneas.

Movimento de Pernas

Posição Inicial — Pernas direitas e estendidas, tocando-se pela face interna das coxas, joelhos e tornozelos. Pés naturalmente esticados.

O professor velará para que os músculos não estejam contraídos; é fundamental que todos os movimentos, não só deste mas também doutros estilos, sejam executados com a máxima descontracção.

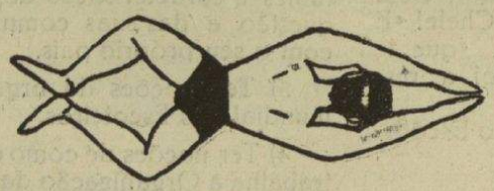


Fig. 1 — Visto por cima.

1.ª fase — Encolher: — As pernas encolhem, flectindo os joelhos para fora (atenção: não é para debaixo do ventre!) ficando os calcanhares unidos quase junto ao corpo. A ponta do pé é repuxada para a canela (fig. 1).

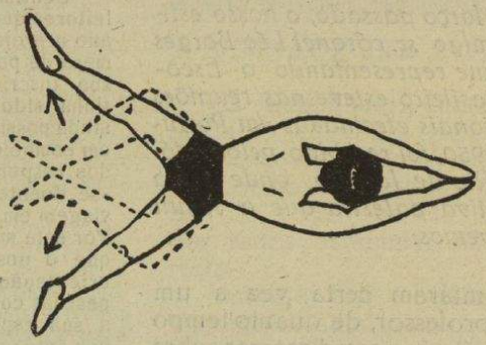


Fig. 2 — Visto por cima.

2.ª fase — Afastar: — As pernas afastam-se para os lados, continuando as pontas dos pés puxadas para a canela (fig. 2).

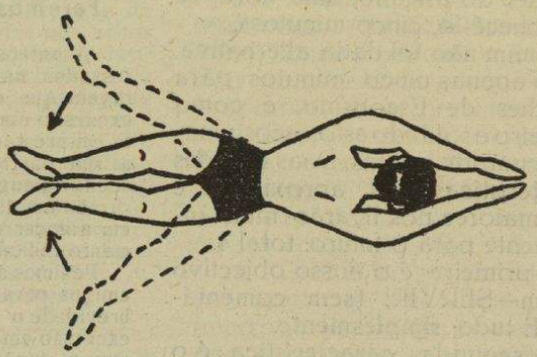


Fig. 3 — Visto por cima.

3.ª fase — Unir: — As pernas unem-se enèrgicamente, retomando a posição inicial (fig. 3).

N. B. — Só por comodidade de ensino o movimento foi decomposto, pois na realidade trata-se de um movimento contínuo. Apenas, e deve insistir-se nisto, ao fim da 3.ª fase há uma pequena paragem de cerca de dois segundos na cadência lenta.

No mais, o final de uma fase confunde-se com o início da fase seguinte. Também estas não têm todas a mesma cadência. A primeira é a mais lenta e suave sendo a terceira a mais rápida e enérgica.

A fase propulsora é a terceira — ao apertar entre as pernas uma grande massa de água que se escoa para trás. «Encolher» e «afastar» são apenas a maneira mais cómoda de levar, sem atrito, as pernas aos lados.

Movimento de Braços

Posição Inicial: — Braços naturalmente esticados, mãos unidas à frente pelos polegares, palmas viradas para baixo. Cabeça levantada (superfície da água a aflorar à ponta do queixo).



Fig. 4 — Visto de frente.

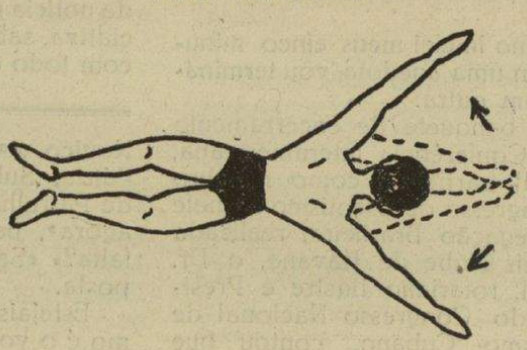
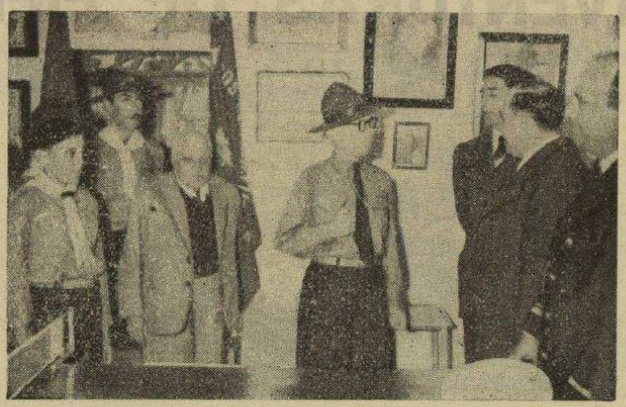


Fig. 4-A — Visto por cima.

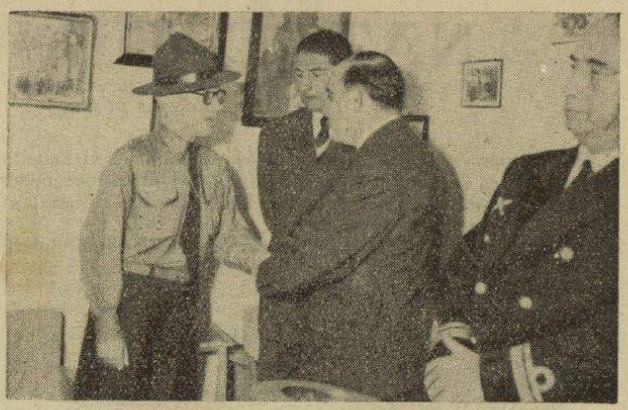
(Continua na 6.ª página)

ACTUALIDADES ESCOTISTAS

O Presidente dos Escoteiros de Portugal visitou o Grupo 52 de Angra do Heroísmo



O Chefe Moniz Silva apresenta saudações ao sr. Comandante Tenreiro



O sr. Comandante Tenreiro agradece as palavras do Chefe do Grupo 52 e felicita-o pela acção do seu grupo.

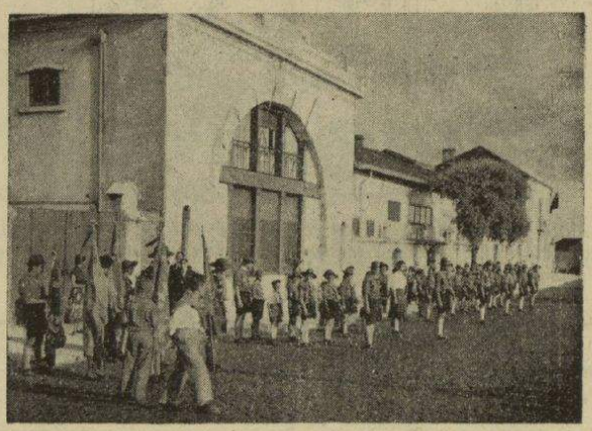
As Guias e os Escoteiros visitam a Vila do Montijo



O desfile no Montijo



A fanfarra de pífaros do Grupo 94



Os Grupos formados no Cais do Sodré, frente à sede da A. E. P., no momento de destroçar.

A inauguração da Secção «Pedro Álvares Cabral»



Um aspecto do desfile



Outro aspecto do desfile



A Secção com os seus dirigentes

PROVAS DE 1.ª CLASSE

NATAÇÃO

(Continuação da 4.ª página)

1.ª fase — Ao lado: — As mãos afastam-se, virando as palmas para fora como a pá de um remo. Os braços conservam-se esticados ao afastar-se para os lados e para baixo até quase à linha dos ombros.

A deslocação para baixo tem o fim de não deixar o corpo afundar e não excede 15 cm. em profundidade (fig. 4 e 4-A).



Fig. 5 — Visto de frente.

2.ª fase — Encolher: — Os braços unem ao corpo, flectindo pelos cotovelos, que ficam encostados aos lados do tórax, para não causar atrito ao deslocamento. Mãos unidas debaixo do queixo, palmas para baixo (fig. 5).



Fig. 6 — Visto por cima.

3.ª fase — À frente: — Os braços esticam, retomando a posição inicial. As palmas das mãos conservam-se voltadas para o fundo (fig. 6).

N. B. — Como o movimento de pernas, o de braços é também contínuo. Há apenas uma única paragem à frente, antes de recomeçar o movimento.

A fase de propulsão é a primeira, ao afastar para os lados uma grande massa de água: é portanto a mais enérgica. As outras são apenas uma maneira cómoda de levar os braços de novo à posição inicial.

O professor velará para que os braços *não ultrapassem nunca* a linha dos ombros, porque — embora não pareça — o afastamento dos braços *não implica* progressão no elemento.

Posição da cabeça: — Pode conservar-se erguida ou levantar e baixar de acordo com os movimentos dos braços. Dada a função principal de salvamento deste aprendizado, é preferível que se conserve erguida, por necessidade de manter os olhos sempre fitos no indivíduo a salvar.

A cabeça mantém-se na posição atrás indicada, com ligeiras oscilações para cima e para baixo, devidas aos movimentos do corpo. Adiante, quando falarmos da respiração, voltaremos ao assunto.

Sincronização dos movimentos: — Faz-se em 5 tempos.

Posição inicial: — Deitado, de ventre para baixo; mãos, ombros, nádegas e calcanhares aflorando à superfície. Corpo descontraído, braços direitos à frente, mãos unidas e de palmas para baixo, pernas direitas e unidas, pontas dos pés em extensão, sem forçar.

1.º tempo: — 1.ª fase de braços, pernas quietas;
2.º tempo: — 2.ª fase de braços, pernas quietas;
3.º tempo: — 3.ª fase de braços, 1.ª fase de pernas;
4.º tempo: — braços quietos, 2.ª fase de pernas;
5.º tempo: — braços quietos, 3.ª fase de pernas;
PAUSA.

O professor velará para que a seguir a cada braçada completa — 5 tempos — haja uma paragem nítida, para permitir ao corpo deslisar à frente. Como sempre, o movimento é contínuo, confundindo-se o final de um tempo com o início do tempo seguinte; notar que qualquer paragem significa atrito e obstáculo à progressão.

O professor ensinará que, quando as mãos passam por baixo do queixo, as pernas encolhem. É importante a maior descontracção.

Respiração: — Como já se disse, a respiração é o segredo mais importante da natação. Basta dizer (e o professor poderá fazer a experiência para os seus alunos verem e se convencerem) que o corpo humano, com os pulmões cheios de ar, flutua, e com os pulmões vazios, afunda-se.

Respirar no momento próprio, e não prender a respiração — eis o segredo da manutenção do corpo ao cimo da água.

(*Continua no próximo número*)

AVENTURAS DE FIFI

III



Fifi tinha prendido a cabrinha, mas tão bem fez esse trabalho que o resultado está a ver-se... O sujeito é capaz de ficar zangado, mas o maroto do nosso herói não parece contrariado com o incidente, antes dá mostras de estar muito contente. Aquilo é que ele é...



Não há dúvida de que o cavalheiro está com pouca sorte. Há bocado, foi a marrada da cabrinha; agora uma lufada de vento arrebata-lhe o guarda-chuva... Como sempre, o caso serviu de gáudio a Fifi e aos seus companheiros que não se importam nada com a irritação do senhor.



O tempo melhorou e Fifi e o primo tinham combinado um passeio na carrocinha. Estava tudo pronto, até mesmo um suculento farnel, e os nossos amigos dirigem-se para a carroça. Mas vejam a partida que lhe pregaram. Conseguirão ainda [arranjar lugares para eles?



Mais outra partida: desta vez não é brincadeira, porque o ouriço pica a valer. Talvez assim Fifi aprenda a não pregar partidas aos outros...



Franklim António de Oliveira

No dia 4 do corrente, quando seguia para um acampamento do grupo nº. 9, foi acometido de doença súbita na rua da Verónica, o sr. Franklim António de Oliveira, que faleceu a caminho do hospital. O sr. Franklim de Oliveira era um dos mais antigos membros dos Escoteiros de Portugal, tendo sido um dos primeiros chefes do grupo n.º 2, mais tarde um dos fundadores e primeiro Comissário Nacional do Corpo Nacional de Escutas. Tendo voltado para a A. E. P., desempenhou aqui diversos lugares, o último dos quais foi o de Comissário Geral Técnico, que deixou em 1942.

Era pai das sr.as D. Adília Cardoso de Oliveira Nunes Ferreira e D. Bernardete Cardoso de Oliveira Ribeiro Couto, ausente no Lobito, a quem o «Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências.

Tenente Alberto Norte da Silva

Vítima de um brutal acidente de viação, ocorrido em 16 de Junho passado, faleceu o nosso estimado assinante sr. Tenente Alberto Norte da Silva, dirigente muito competente dos serviços de D. C. T. que recentemente e com muito agrado tinha feito algumas palestras sobre a sua especialidade incluídas no curso de chefes que funcionou na sede da A. E. P., durante as quais manifestou o maior interesse pelo Escotismo e conquistou a merecida simpatia de todos.

À família enlutada, «Sempre Pronto» apresenta a expressão do seu muito pesar.

★ ● ★

Os Escoteiros colaboraram no Campeonato Nacional de Fundo da Federação Portuguesa de Ciclismo

Tendo esta Federação convidado o Grupo nº. 13 para auxiliar na organização do Campeonato Nacional de Fundo, este grupo dirigiu convite a outros grupos de Lisboa, tendo comparecido 20 escoteiros dos grupos n.os 1, 7, 13 e 79 que prestaram bons serviços no dia 19 de Junho sob a direcção do chefe Mário Gonçalves.

• • o • •

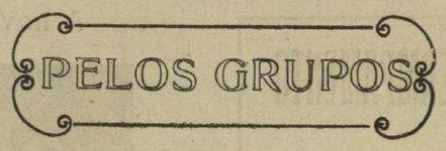
José Magallón Marrón

Este nosso dedicado amigo, membro do Clã Lobo Gris, de Madrid, e antigo escoteiro espanhol, esteve em Lisboa, nos primeiros dias deste mês, integrado na excursão dos árbitros de futebol espanhóis, pois é árbitro desta modalidade desportiva, e deu-nos o grato prazer de sua visita, proporcionando-nos o ensejo de trocar impressões acerca dos problemas escotistas dos dois países. Agradecemos a sua visita.

• • o • •

Eduardo Quintino Pinheiro

Este nosso bom amigo, antigo chefe do grupo 2, que regressou há alguns meses a Lisboa depois de ter exercido actividade comercial em Coimbra e no Porto, acaba de constituir com seu irmão Mário Vítor uma sociedade, «Quintino, Ld.ª», com estabelecimento de máquinas de escritório na Rua da Prata, n.º 141-2.º. A este nosso amigo, que é um dos mais competentes técnicos de máquinas de escrever e outras, desejamos os maiores progressos na sua vida comercial.



Grupo n.º 77 — Faro

Alguns escoteiros deste grupo acamparam com escoteiros dos grupos n.os 6 e 60 no Mato Joinal de 7 para 8 de Maio passado, actividade do Acampamento de Guias do Algarve.

No dia 15, o grupo bivacou no Monte Negro para exercício de pistas.

O nosso grupo fez-se representar e tomou parte nas comemorações do Grupo nº. 6 de Olhão.

Grupo n.º 84 — Entroncamento

Noticias Pessoais—O escoteiro Manuel Rosa Valério, ex-correspondente do «Sempre Pronto», deu entrada no Sanatório do Caramulo a fim de acabar de se restabelecer de uma pequena lesão. Desejamos-lhe um restabelecimento rápido e completo.

O Escoteiro José Ferreira Valério, irmão do correspondente do «S. P.», está de parabéns pelo nascimento da sua primeira e engraçada filha. Ao papá e a sua Esposa apresentamos cumprimentos de felicitações.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Este grupo realizou em 28 e 29 de Maio passado um acampamento no Algueirão, no qual foi festejado o 71.º aniversário do seu presidente, sr. Joaquim Santana de Carvalho, a quem foi entregue a medalha do 40.º aniversário da A. E. P., numa festa de campo que à tarde ali se realizou, a qual teve a presença do sr. Luís Grau Tovar de Lemos, escoteiro-chefe geral adjunto. —C.

• • o • •

Enrique Genovés

A Federação Espanhola de Montanhismo galardoou este nosso estimado amigo, dedicado representante do «Sempre Pronto» em Espanha, com a medalha de Montanhismo, de Prata, em reconhecimento do trabalho realizado nos quadros daquela Federação. O nosso estimado amigo José Forasté recebeu igual galardão pelos mesmos motivos.

Daqui lhes enviamos as nossas sinceras felicitações.

• • o • •

Engenheiro Jorge Pereira Jardim

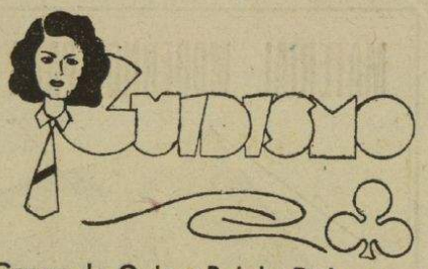
No avião da TAP de 26 de Junho passado, partiu para Moçambique depois de ter estado em Lisboa durante algumas semanas, o nosso estimado amigo e ex-presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim.

No aeroporto encontravam-se muitas individualidades de destaque a apresentarem-lhe votos de boa viagem e felicidades, a que se associam todos aqueles que trabalham no «Sempre Pronto».

• • o • •

David M. de Barros

Este nosso bom amigo, representante do «Sempre Pronto» no Brasil, que ao Escotismo da sua Pátria, Portugal, dedica a maior das atenções e carinho, continua em tratamento hospitalar no Rio de Janeiro, muito embora o seu estado geral de saúde seja bastante animador. Daqui lhe endereçamos as nossas saudações e votos de um restabelecimento completo.



Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»

Aproveitando os feriados de 9 e 10 de Junho passado, este grupo de guias efectuou um bom acampamento numa propriedade de Cascais, gentilmente posta à sua disposição.

Foi uma actividade agradável em que as guias puderam pôr à prova as suas aptidões para o campismo.

Nos dias 9 e 10 do corrente, voltaram a acampar no mesmo local.

• • o • •

Conferência Internacional do Escotismo Católico em 1956

Por resolução da Conferência realizada em Bruges, Bélgica, no princípio deste mês, a próxima Conferência realizar-se-á na Escócia em 1956. A delegação portuguesa manteve o seu convite para que a Conferência se realize em Portugal em 1957, o que teve a simpatia de muitos delegados.

A Conferência deste ano versou o tema «As grandes linhas de uma pedagogia do Mistério da Igreja». Em 1956 será versado o tema «Como o escotismo educa o rapaz contra o diletante materialismo do mundo moderno».

• • o • •

PROF. DR. MARCELO CAETANO

Foi escolhido para desempenhar o alto cargo de Ministro da Presidência o sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, antigo dirigente escotista, acontecimento muito honroso para o nosso Movimento pelo elevado prestígio de que goza o antigo membro da Associação.

É interessante registar aqui as palavras que o sr. professor Marcelo Caetano proferiu, quando Comissário Nacional da M. P., na ocasião em que os chefes escoteiros lhe foram apresentar cumprimentos e em que afirmou: «Devo dizer que não só fui Escoteiro-Chefe, mas sou Escoteiro-Chefe». Todos os Antigos Escoteiros confiam nos sentimentos e ideais escotistas do sr. professor Marcelo Caetano, a quem saúdam respeitosamente.

• o •

ANTIGOS ESCOTEIROS

Acampamento Internacional de Amizade

Parte no dia 29 do corrente para a Dinamarca, o delegado da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, sr. Albano da Silva, que vai tomar parte neste Acampamento e na Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros e das Antigas Guias, que se reunirá em Horsens de 1 a 5 de Agosto p. f.

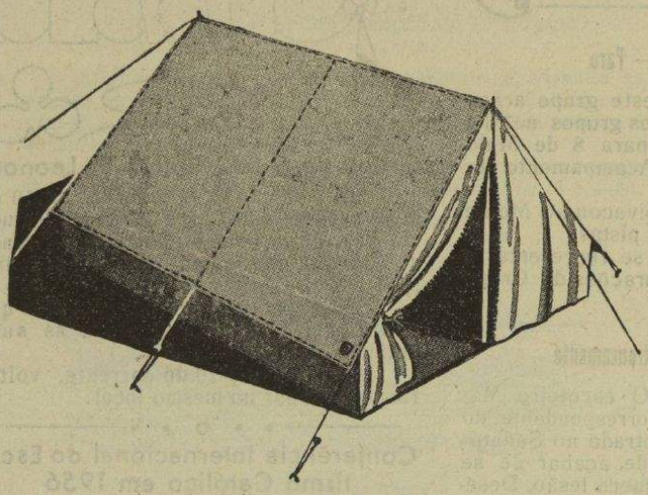
• • o • •

EDMUNDO DE MATOS

Este nosso antigo Camarada escreve-nos de Lourenço Marques pedindo-nos para transmitir a todos os seus antigos companheiros as mais afectuosas saudações, afirmando que se recorda de todos com saudade.

Edmundo de Matos, que se dedica agora à Filatelia, deseja trocar selos e correspondência e pede aos interessados para escreverem para a Caixa Postal 1592, Lourenço Marques.

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em :

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917—LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

A nova Alcateia do Grupo n.º 10



Os lobitos com a sua chefe, sr.ª professora D. Maria Aida Morais de Almeida.

UM PROBLEMA DIFÍCIL

Desta vez, o João conseguiu encontrar a solução do difícil problema. Quando a patrulha voltou a reunir-se apresentou-se radiante. Carlos desconfiou logo que o seu amigo tinha descoberto a solução.

—Então, sempre conseguiste adivinhar o problema?—perguntou ao João.

—Olá, se consegui—respondeu com ares vitoriosos o João. —O tal sujeito disse simplesmente ao ouvido do cavaleiro: "Monta o cavalo do teu adversário». É claro que tendo cada quál apostado no cavalo do outro concorrente, montando esse cavalo e ganhando com ele a corrida, ganharia da mesma forma a aposta...

Carlos deu razão ao companheiro. Desta vez tinha logrado triunfar. Por seu turno, João, satisfeitíssimo, prometeu trazer, na próxima reunião da «Veado», uma nova adivinha. Conseguirá Carlos sair-se tão bem como desta vez o João?

Foi muito apreciada a ajuda oferecida pelos escoteiros José Domingos Barão e M. Costa Mendes, ambos do Grupo 77, de Faro, e ainda por José Cordeiro Teixeira, de Coimbra, e João Henriques Rocha, de Lisboa, que estão de parabéns por terem acertado com a solução. A todos eles serão remetidas, em breve, algumas pequenas lembranças.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO„ N.º 15

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

— Espantadiço o nosso Sharik! — exclamaram os dois rapazes ao mesmo tempo. — Já vai certificar-se do contrário.

— Deita-te, Sharik — ordenou Alfredo, pondo-lhe uma das mãos sobre a crina e a outra sobre os fortes joelhos, que naquela ocasião tremiam de fadiga e de susto. O garrano chegou o focinho à cara do dono e principiou a esfregá-la; em seguida, em obediência à ordem que recebera, dobrou os joelhos, e, com grande satisfação sua, deitou-se a um canto.

— Veja, boa alma, que mansinho que ele é! Estêvão, um homem muito nosso amigo, diz que Sharik tem tanto juízo como uma criatura humana, e é tão dócil como um anjo.

— O vosso amigo Estêvão, o acondicionador da fábrica, não é verdade, meus jovens senhores? — exclamou o homem, que até ali tinha ocultado o rosto da claridade, deitando apenas um ou dois rápidos olhares aos recém-vindos.

— Sim; conhece-o? — interrogou Alfredo. — Ao princípio supusemos que ele fosse nosso inimigo, como Antão e como Gavril, o Cicatriz-Vermelha; mas depois vimos que era nosso amigo.

—Sim—interveio Eduardo,— por sua vontade tinha-nos acompanhado a casa, mas precisava de ir ter com o irmão, que está preso, e informar-se do seu estado.

Ouvindo estas palavras, o homem levantou-se, tomado duma indomável agitação, e encarou os pequenos à luz do candeeiro.

Alfredo e Eduardo soltaram uma exclamação de assombro, e depois estiveram durante um minuto com os olhos pregados nele, sem poderem proferir uma palavra.

Por fim Alfredo disse alegremente:—Por mais maravilhoso que isto pareça, o senhor é, sem dúvida nenhuma, o irmão de Estêvão, a quem este desejava ver! Sim, lembro-me de si perfeitamente. É Panfílio!

—Sim, meu jovem senhor—retorquiu ele;—sou Panfílio.

—Mas como saiu da prisão?

—Pergunte a Sónia, a minha mulher—replicou Panfilio.

—Foi desta maneira, meu jovem senhor—disse Sónia.—«Tenho um primo que é carcereiro da prisão, e que se compadeceu de meu marido. Estávamos casados havia sòmente uma semana quando o prenderam, e por uma coisa de que ele estava inocente».

—De que estava inocente?—ecoou Eduardo.

—Sim; foi um outro o que assaltou e assassinou, mas como era muito ligeiro de pés conseguiu escapar-se. O meu marido tinha estado a beber e não sabia do que se tratava, e ele é que foi preso pelo crime do outro, porque só ele é que se achou presente. Depois julgaram-no, mas não como devia ser. Ora o meu primo Vassia é carcereiro, e entendeu-se com um outro, o de Panfílio (presenteando-o com uma cruz de oiro que já estava na nossa família há oitenta anos), para deixar fugir o meu marido. Panfílio, assim que se viu em liberdade, veio logo ter comigo.

«Meu pai é rachador de lenha, e é nesta choupana que ele passa as noites quando trabalha aqui na floresta. Estamos aqui muito a salvo. De vez em quando vou à aldeia comprar farinha, sal, manteiga ou chá, e Panfílio, quando pode, apanha uma lebre com a armadilha ou atira a uma ave, e é assim que arranjamos a nossa vida. E sinto-me feliz, porque ele deixou de se embriagar, e prometeu que não tornará mais a provar bebidas alcoólicas.

—Assim é, Sónia, mas com toda esta conversa não deixamos os nossos hóspedes refazerem as forças e dormirem como tanto necessitam.

Era quase sol posto, numa linda tarde de inverno, e tanto os rapazes como Sharik ainda estavam a dormir. Posto que Alfredo tencionasse partir ao meio dia, Sónia viu que ele e Eduardo estavam tão profundamente adormecidos que não teve ânimo para os acordar; e tinha ido até à porta para olhar para fora durante uns momentos, quando parou em frente da cabana um trenó puxado por um cavalo, dentro do qual vinha um homem. Sónia soltou um grito de alegria, e abriu a porta para trás.

—Anda cá, Panfílio—disse ela, numa voz como quem estava a segredando, para não despertar as crianças.

Panfílio chegou á porta exactamente quando o homem se apeava do trenó, e caíram nos braços um do outro.

—Estêvão!

—Panfílio!

E abraçaram-se e beijaram-se à moda da Rússia.

—Fui à prisão—disse Estêvão,—e falei com o primo de Sónia, que me fez ciente da tua evasão. Raciocinei logo, já se vê, que te conservarias escondido durante algum tempo, mas que não quererias estar separado de tua mulher.

(Continua)